

IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO: ENTRE SEMIÓTICA E PSICANÁLISE

Waldir BEIVIDAS¹

Tiago RAVANELLO²

- RESUMO: O texto investiga os conceitos de *identidade* e de *identificação* na interface da semiótica greimasiana e da psicanálise freudiana. Defende a interface com o argumento de que a semiótica não pode pretender fazer *tabula rasa* de conceptualizações por vezes fecundas que foram ou são trabalhadas em outros campos do saber. Basta tomá-las como problemáticas a serem *semiotizadas*, isto é, ajustadas à pertinência do seu método e enfoque. O texto compara sugestões sobre os conceitos, apresentadas no *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 1979), com proposições e reflexões posteriores (LANDOWSKI, 1992; ZILBERBERG, 1981). Explora em seguida formulações freudianas sobre identidade e identificação, para propor uma projeção conjunta dos dois num único “quadrado semiótico” que os integre. Propõe que a identidade seja definida como *paixão-limite*, pois, em sentido forte, é um impossível de se obter, nas relações passionais, e que a identificação seja definida como *compaixão*, no sentido de tentar (com-)partilhar o *pathos* (isto é, valores modais e tímicos) do outro. Nota, por fim, que, em semiótica e em psicanálise, tanto o principal mentor de uma (GREIMAS) quanto o criador da outra (FREUD) reconheceram a insuficiência deixada por ambas as teorias quanto aos conceitos em questão. O texto pretendeu apresentar algumas sugestões para tentar reverter a situação.
- PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; psicanálise; identidade; identificação.

« Así - como el padre - debes ser » ... « así - como el padre - no debes ser: no debes hacer todo lo que el hace, pues hay algo que le está exclusivamente reservado ».

Freud

¹ UFRJ – Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica – 22290-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Endereço eletrônico: waldirbevidas@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica – UFRJ – 22290-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Endereço eletrônico: tiagoravanello@yahoo.com.br

Preâmbulo

A semiótica não pode pretender buscar *ab ovo* toda a fenomenologia empírica que vai procurar conceptualizar. O terreno discursivo das interações humanas é, desde sempre, objeto de inúmeros olhares – olhar filosófico, sociológico, antropológico, psicanalítico. Não há como poder encontrar um fenômeno “branco”, nas interações humanas, um “grau zero” dos seus semantismos – para nos servirmos livremente das expressões barthesianas – a partir de onde operar semioticamente, desde a partida. Essa parece uma premissa epistemológica senão inelutável, ao menos razoável. O terreno humano das interações discursivas já se nos apresenta matizado, carregado de conceptualizações ou teorias mais ou menos ingênuas, mais ou menos metódicas, mais ou menos rigorosas, por várias disciplinas ou vários campos do saber.

Tivesse Greimas feito *tabula rasa* do terreno onde fundeou sua teoria narrativa, ela não teria tido a coloração proppiana que a caracteriza. E de igual modo, isso vale para o resto de sua teoria semiótica. Portanto, importa-nos, como semioticistas, procurar vasculhar as regiões mais promissoras, mais heurísticas, não importa se de saberes já erigidos em teorias aqui e acolá, e tomá-las como matéria “bruta” para, em seguida, semiotizar, isto é, lançar olhar específico, talvez nem melhor nem pior do que os outros, mas de singular pertinência no enfoque.

Por isso, pretendemos válidas as tentativas de semiotizar as formulações freudianas sobre a identidade/identificação. Não apenas porque, como pensador, ele mereça lugar de mesmo naipe de qualquer filósofo antigo, crítico arguto, historiador competente ou poeta criativo. E, no entanto, Freud ficou, a bem dizer, ‘esquecido’ na montagem de conceitos diretamente atinentes à *semiótica das paixões*. Ora, não vemos, em princípio, por que formulações, por exemplo, de Sêneca sobre a “cólera” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.305-7), ou de Proust sobre a “indiferença” (MARCIONI, 1984), dentre outros importantes filósofos e literatos, sobre outras tantas e importantes paixões, sejam mais “verdadeiras”, fecundas ou verossimilhantes do que a reflexão de Freud sobre “amor” ou “ódio”, para servir de material de indagação à construção dessa semiótica passional.

Por certo, na história do pensamento já está consignada e registrada a imensa contribuição que a acuidade de filósofos e a genialidade de literatos nos legaram, cujas reflexões e inspirações a Semiótica soube bem extrair para sua descrição do universo passional. Uma “filosofia das paixões” tem a idade da pedra da filosofia. Testemunha que as paixões nos movem e comovem desde os arcanos de nossa subjetividade. E os poetas souberam, desde sempre, cantar e chorar – para resumir com dois recantos os confins dos sentimentos – a quintessência da alma humana, nelas depositada. O próprio criador da psicanálise, bem advertido quanto a isso,

costumava atribuir aos poetas a descoberta do inconsciente e a ele próprio, mais modestamente, apenas uma metodologia de seu acesso.

No entanto, em que pese a prata fina do pensamento filosófico ou o diamante da intuição poética, talvez estejamos pouco atentos para o valor que, segundo nos parece, pode representar a estratégia freudiana, de ourives, perante as aquisições dos filósofos, críticos ou literatos, os quais tiveram privilégio quase exclusivo na investigação e composição da semiótica das paixões até os dias de hoje. As reflexões e formulações do médico vienense partem de um ângulo, e nele se situam, singular e diferente da postura introspectiva, via de regra ‘solitária’, que o filósofo aciona para depurar a prata de seu pensamento cogitativo ou o literato para lapidar a jóia da sua criação poética.

Convém ressaltar de antemão que as proposições freudianas de modo algum foram fruto de especulação desenfreada, elucubração mágica, esoterismo fantástico, “ansiosa por construir mistérios e pescar em águas turvas” (FREUD, 1915, p.2130). Para seu lamento, suspeições dessas já assombravam sua teoria, desde os inícios. E ainda hoje muitos “demolidores” do psicanalista procuram requentá-las para fazer crer (VAN RILLAER, 1984; WEBSTER, 1999; ZWANG, 1985), e por vezes conseguem, porquanto no ambiente de muitas das ciências humanas circula isso em surdina, entre risos e insinuações de desdém tanto quanto de comisseração. Pelo contrário, a conceptualidade freudiana tem proveniência bem localizada e legítima. Ela resulta da leitura *empírica*, longa e obstinada, dos discursos mais diversos: (a) de seus pacientes diretos, da fala mais concreta e ostentada à mais secreta e renegada, tudo ao molde engenhoso da bricolagem pacienciosa do artesão; (b) da leitura atenta da escritura de pacientes, por assim dizer, a distância (Schreber), leitura de filósofos (Schopenhauer, Nietzsche, Kant), poetas, literatos ou artistas, da Gradiva de Jensen ou contos fantásticos de Hoffmann ao Michelângelo de Leonardo da Vinci.

É nessa leitura *empírico-discursiva* da fala sofrida, na horizontal do divã, ou da escritura literária e filosófica, na vertical da escrivaninha, que praticamente construiu sua conceptualização mais decisiva. E logo cedo Greimas (1966, p.186) notou-lhe a preciosidade, notou-lhe uma “semiótica implícita”, porque baseada, “em grande parte, na busca de um modelo actancial, capaz de dar conta do comportamento humano”. Talvez não haja na história da humanidade pensador que tenha mergulhado mais fundo na alma humana do que o (psic-)analista dos discursos do sofrimento. E, no entanto, estamos construindo uma teoria dos “estados de alma” completamente à margem das suas proposições, numa incômoda ignorância – até onde nos é dado ver, não bem fundada ou justificada explicitamente – sobre uma possível *isotopia do desejo*, ou da pulsão, que talvez comande ‘inconscientemente’ as nossas interações discursivas, nossas enunciações, nossa práxis significante em geral.

É, portanto, com certo tom de “protesto” ou de “inconformidade” (mas também de complementaridade) para com o modo como veio sendo conduzida a semiótica das paixões, desde inícios dos anos 90, do século findo, que o presente trabalho esboça algumas notas de abordagem da identidade e da identificação na interface entre a semiótica greimasiana e a psicanálise freudiana.

Posição do problema

É difícil falar claramente da *Identidade* ou da *Identificação* e por demais fácil resvalar para a confusão. Por isso as reflexões a seguir pedem um certo número de advertências iniciais.

Num dos textos finais da sua obra, uma conferência sobre a “Diseccción de la personalidad psíquica”, Freud lamentava que o mecanismo da identificação, base e fundamento de um processo, que admite muito “complicado”, o da conversão da instância parental em supereu, não lhe permitia o otimismo de crer “haberla penetrado por entero” (1933, p.3136). E admitia também, mais genericamente, o desconforto de que, à questão da “delimitación de conceptos no le hemos dedicado aún en psicoanálisis atención suficiente” (p.3137). E é bastante curioso notar, agora no campo da lingüística saussuriana nascente, que, em pleno exercício das suas descobertas iniciais e fecundas, Saussure procurava nos alertar de que mais importante do que uma descoberta, era atribuir-lhe “la place qui lui revient”, isto é, delimitar-lhe um lugar coerente no corpo da teoria (SAUSSURE, 1975, p.100).

Este é bem o caso quando estamos diante dos conceitos de *identidade* e de *identificação*. Eles precisam não só de uma definição satisfatória, isto é, o desenho conceitual dos seus limites e extensão, como também, mais importante, de um *locus* teórico para poderem ser pensados no interior de uma semiótica e de uma psicanálise *já constituídas* (não importa se bem ou mal), ao mesmo tempo que para poderem fazer pensar uma semiótica e uma psicanálise que *se constituem*, no progresso da pesquisa. A segunda exigência tem prioridade sobre a primeira, a nosso ver, já que as proposições que até hoje a semiótica e a psicanálise puderam nos apresentar, sobre esses conceitos, estão muito aquém da sutileza semântica e da densidade estrutural que – é uma hipótese de trabalho – eles parecem abranger e projetar no interior do discurso ou na arena da vida.

A semiótica da identidade

Mesmo assim, o que Greimas e Courtés nos apresentam no *Dicionário de Semiótica* (1979, p.223-4, verbete *identidade*), não mais que uma página de

comentários, já constitui preciosos índices e pistas para *forçar* a significância³ dos conceitos de identidade e de identificação, para *provocar* sua maior legibilidade, maior clareza, sobretudo quando queremos e temos de pensá-los no interior da dimensão tímica ou passional dos discursos. Para situar brevemente as indicações de Greimas e Courtés (1979), bastaria dizer que, em quatro pequenos parágrafos de proposições, os autores introduzem quatro regiões conceituais, de diferente estatuto, para os conceitos:

- 1) a *identidade* se opõe à *alteridade* (\cong diferença) (como a oposição clássica entre “mesmo” e “outro”) enquanto conceitos que, indefníveis como tais, encontram na sua pressuposição recíproca uma interdefinição suficiente para servir de fundamento à própria articulação da linguagem e/ou das estruturas elementares da significação (cf. o princípio saussuriano da língua como fundada na diferença);
- 2) a *identidade* designa também o traço ou conjunto de traços (sêmicos ou fêmicos) pelos quais dois objetos podem ser vistos em relação mútua, qual seja, por apresentarem, na suspensão das suas oposições, um eixo semântico comum. A valorização e manifestação dessa suspensão, fazendo emergir o eixo semântico comum, provocaria um “efeito de identificação”;
- 3) a *identidade* recobre ainda um “princípio de permanência” que garante ao sujeito a continuidade do seu “ser”, mesmo a despeito das transformações por que passam sua competência e existência (modais) ao longo do percurso narrativo (os procedimentos de anaforização, o nome próprio, entre outros, o sustentam privilegiadamente);
- 4) por fim, entendida como um procedimento do fazer interpretativo, a *identificação* se deixa ver como a operação pela qual o enunciatário assumiria o universo de discurso de um personagem como “idêntico” ao seu próprio – por exemplo, quando “uma jovem leitora se identifica com a personagem de Joana D’Arc”.

A investigação que pretendemos esboçar aqui quer privilegiar as duas últimas das quatro proposições acima, visto que, no caso da primeira, a oposição *identidade vs diferença* pertence às condições fundamentais e epistemológicas, bem genéricas, da estrutura da língua como sistema, ao passo que, no caso da segunda, o efeito de *identificação* (pela suspensão das diferenças dos termos em oposição binária ou quaternária, pouco importa) interessa mais à descrição, bem específica, de uma análise sêmica localizada.

Ao contrário, a *identidade*, concebida para designar um princípio de

³ “Se tudo significa, a análise semiótica deve-se traduzir por um ganho semântico, um suplemento de sentido ...” (ZILBERBERG, 1981, p.34).

permanência para o sujeito, na sua existência (narrativa), e a *identificação*, designada como o fazer interpretativo que projeta uma equivalência entre duas existências modais (a do enunciatário perante um personagem da narrativa), não apenas nos fazem mergulhar imediatamente no coração da vida do *discurso*. Mais que isso, esses conceitos nos obrigam também a ampliar o conceito de discurso, fazê-lo sair do “papel” e atingir a própria *vida*, como discurso. Noutros termos, pedem que arrisquemos a semiotizar o discurso da vida, as *interações* da vida cotidiana. Não é outro o trabalho em que se empenha E. Landowski (1992) desde os anos 80 do século já vivido. Para ilustrar a inflexão, no presente caso, bastaria substituir a “jovem leitora” do exemplo acima – enunciatário de um discurso localizado (a história de Joana D’Arc) –, e considerá-la uma simples “jovem” que se identifica com (aquilo que o micro-universo da sua vida lhe ensinou como sendo a figura de) Joana D’Arc, isto é, a jovem enquanto enunciatário do discurso da vida.

Queremos dizer com isso que esses conceitos não se limitam a um certo número de procedimentos de sujeitos-de-papel, localizados em tal ou tal instância de um discurso aqui ou ali manifestado. Mais que isso, parecem definir, antes, o próprio modo como uma subjetividade se constrói no espaço de interação que é a vida de todos os dias, a vida individual e social entendida como “processo significativo” (LANDOWSKI, 1992, p.12).⁴

Atrair esses conceitos de um espaço discursivo manifestado em texto (histórico, literário...) para o espaço discursivo da vida cotidiana nos conduz, num primeiro momento, a socorreremo-nos da experiência de lide reflexiva, descritiva ou analítica, que eventualmente outras disciplinas possam ter por relação a eles (sociologia, psicologia, psicanálise...). A coleta dos dados dessa experiência é uma tarefa prévia à sua posterior “semiotização”. Trata-se simplesmente de buscar nessas outras paragens novos materiais semânticos pelos quais tentar avançar a reflexão semiótica sobre a identidade e a identificação.

Por força de metiê em que um de nós vem atuando desde o trabalho de doutorado (BEIVIDAS, 2000a), e o outro, desde seu ingresso no mestrado em teoria psicanalítica, a paragem que iniciamos por explorar nestas primeiras incursões foi a da psicanálise. Os resultados modestos a que chegamos não nos permitem mais do que (ao menos) elencar sumariamente diversos campos de problemáticas, regiões conceptuais intrincadas, definições e interpretações bastante obscuras e por vezes confusas. Constatamos que essas regiões se misturam desde um pretendido enraizamento bio-etológico dos conceitos de identidade/identificação, na escala do animal, até o simbolismo mais abstrato, apontado para instâncias transcendentais da filosofia. Ora, como sabemos, a semiótica pugna sempre por

⁴ Isto não é nenhuma novidade ou subversão porquanto, conforme o lembra Landowski (1992, p.12), a semiótica desde suas origens tem-se ocupado do “real” enquanto linguagem e até mesmo do “vivido” enquanto efeito de sentido.

evitar que a *pertinência do sentido* lhe escape das mãos e, ou retroceda para a arena mais substancialista do “infra-humano”, ou então alce vôo para o sidérico transcendental do “supra-humano”. Obter um ganho de sentido, a respeito dos conceitos em foco, situado totalmente à *escala humana*, do homem comum, esse é o objetivo e os limites aqui visados.

Identidade como “princípio de permanência”

Talvez mais do que um procedimento operatório, como “princípio de permanência”, a permitir ao indivíduo “continuar o “mesmo”, “persistir no seu ser” ao longo da sua existência narrativa”, tal como os autores do *Dicionário de semiótica* propõem, a identidade parece querer designar antes, do ponto de vista do sujeito, um *sentimento de permanência* de si mesmo. Trata-se também aqui de um fazer interpretativo do sujeito (como no parágrafo 4 do verbete do Dicionário), fortemente modalizado pela veridicção (/SER/ vs /PARECER/) e sobremodalizado pelo /CRER/: “creio que sou eu mesmo e me pareço”. Os discursos da cultura confortam-nos e reforçam esse sentimento, no sentido de crença, providenciando-nos um sem número de etiquetas: nome próprio, número de identidade, nacionalidade (identidade nacional), cor, raça, etc. Essas etiquetas são artefatos simbólicos, os únicos a nos fazer sentir o sentimento de permanência ao longo da nossa vida. Não temos mais um fio sequer dos cabelos de outrora, nossas células já se substituíram talvez quase todas e milhares de neurônios já se foram de nós. Ou seja, não há nenhuma garantia de qualquer permanência de identidade na substância nua e crua do real. Portanto, o sentimento de identidade própria é um *efeito de sentido* provocado pelos discursos, como práticas sociais, sobre a identidade. Eis, portanto, uma primeira região semântica da identidade a exigir nossa reflexão.

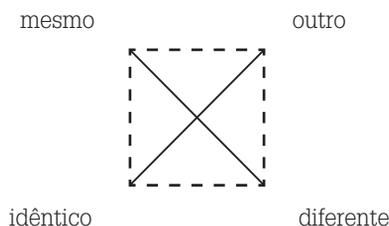
Identidade como paixão(-limite)

Buscando no campo da psicanálise algumas pistas por meio das quais entrar no semantismo intrincado dos conceitos, uma proposição nos pareceu fecunda para ajustar uma distinção semântica entre identidade e identificação: “Freud escolheu a identificação para exprimir a incompletude da identidade; a identificação não faz, na verdade, o mesmo, ela tem por efeito multiplicar esse suposto mesmo” (FLORENCE, 1994, p.145).

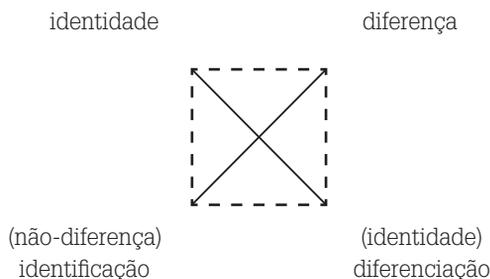
Detenhamo-nos no aspecto de “incompletude” da identidade. Sem pretender entrar aqui no campo das numerosas reflexões filosóficas sobre a Identidade, o Mesmo, o Outro, o Um... – campo que a semiótica prefere evitar a transitar

mal – talvez não seja impróprio imaginar que, em se tratando de um objeto ou de um sujeito, entendidos sempre como efeitos de linguagem, não como seres ontológicos, a identidade absoluta é um impossível de ser galgado: jamais um objeto pode ser, exatamente, o “mesmo” que um outro, jamais um sujeito pode ser, absolutamente, o mesmo que outro. A própria introdução da *alteridade* para servir de parâmetro à avaliação da “mesmidade” impede a *auto-suficiência* do semantismo conceptual da identidade. Sempre haverá um traço sêmico da diferença a parametrizar os eventuais traços sêmicos da identidade (de um objeto ou um sujeito).

Dessa maneira, poderíamos projetar num quadrado semiótico uma articulação dos conceitos em questão, a partir da sugestão das modalidades “têmicas” que Zilberberg (1981, p.45) assim dispõe:



Pensamos, no entanto, que haveria vantagem heurística podê-las reinscrever da seguinte maneira:

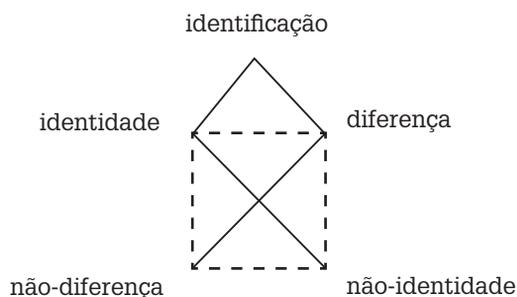


A vantagem desta última representação fica evidente não apenas porque inclui a “implicação” entre identificação → identidade na mesma *deixis*, introduzindo uma vetorização entre os conceitos (e conseqüente possibilidade de hierarquização teórica, em termos de pressuposição lógica). Há mais.

As reflexões psicanalíticas de Freud fazem da identificação um mecanismo privilegiado de processos psíquicos. Ela é concebida como a operação “primitiva”

e originária de uma “ligação afetiva com outra pessoa” (1973, p. 2585): “parecer” com os pais, ou “ser” como eles é, segundo Freud “o desejo mais intenso e decisivo” dos anos infantis (1973, p.1361). Isso talvez já nos bastasse, num primeiro momento, para entender que, modalizada por um forte “querer”, isto é, um querer tônico-*tensivo*, a identificação traduz uma posição semântica do sujeito vetorizada para a busca de uma *identidade* (absoluta, mas impossível) com quem de direito (os pais e posteriormente seus delegados, na visão atorializada de Freud). A identidade tratar-se-ia, pois, de uma *paixão-limite*, ponto de miragem patêmica do sujeito, mesmo se totalmente fundada numa posição epistêmica ilusória (/CRER-SER/ + /NÃO-SABER-NÃO-SER/) e inelutável (/CRER-SER/ + /NÃO-SABER-NÃO-PODER-SER/). Assim situada a identidade, numa região limite a permanecer como uma linha do horizonte, todas as situações humanas de vínculos sociais ou de construção da subjetividade, de interações intersubjetivas ou da dinâmica (libidinal) psíquica, se distribuiriam na larga faixa de um percurso sob tensão entre o pólo do mesmo e do outro, no percurso complexo, matizado e fortemente modalizado, da *Identificação* ou das identificações.

Hesitamos entre a proposição do quadrado acima e uma outra possível, mais próxima da interpretação de Greimas, quando designa como efeito de identificação a resultante da suspensão das oposições entre termos contrários. Esta última proposição poderia se inscrever na seguinte representação:



Pensamos, no entanto, que na proposição anterior, a identificação situada na “negação” da diferença e “vetorizada” para a identidade parece prometer maior elasticidade para suportar o dinamismo modal que parece caracterizar todos os seus modos de expressão.

As identificações freudianas

Mesmo fazendo uso farto do mecanismo da identificação, Freud reconhece em vários momentos de sua obra que ela engloba “processos insuficientemente conhecidos e difíceis de descrever” (FLORENCE, 1994, p.134) e, num texto bem tardio, declara-se “pouco satisfeito” com suas formulações a respeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p.189).⁵ Quase cinqüenta anos após a reflexão freudiana, os autores do *Dicionário de Semiótica*, no comentário que fazem do exemplo da jovem Joana D’Arc, exemplo que classificamos como bem “freudiano”, também admitem que, “entendida nesse sentido, a identificação encontra-se ainda insuficientemente explorada” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p.224).

Insuficiência nos dois campos, portanto, as formulações do psicanalista têm o inegável mérito de trazer-nos um material empírico abundante – do discurso da vida – que apresenta muitos desafios à investigação desse conceito. Algumas dessas formulações situam-se, é verdade, num limite incômodo entre o orgânico e o psíquico; outras, por sua vez, se apresentam já mergulhadas de pleno direito na arena das interações simbólicas, na arena do universo das significações humanas. As notas que apresentamos aqui não querem ir além de um breve comentário sobre as identificações freudianas. Queremos introduzir essas formulações no campo de investigação da semiótica para possíveis avanços e debates, mesmo se temos de evitar, propositalmente, discutir, neste momento, as divergências sérias de conceptualização entre as disciplinas da psicanálise e da semiótica.⁶

A identificação como “incorporação” ou “predação”

O limiar mais baixo (mais orgânico) da identificação, no pensamento freudiano, talvez esteja mesmo envolto numa certa “obscuridade conceitual” (SOUZA, 1994, anexo p.IX). Não sem razão, diz Freud, se tem comparado esse limiar da identificação à “incorporação oral, canibal, de outra pessoa” (1933, p.3136). O psicanalista a interpreta como uma “ramificação da primeira fase, a fase oral da

⁵ E. Roudinesco (1997, p.477) atesta que, em Freud, a identificação jamais recebeu definição sistemática. E nem a psicanálise atual, informam os autores do *Vocabulário*, se voltou ainda a uma “sistemização que ordene as suas modalidades” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p.189).

⁶ Divergências que, a nosso ver, se concentram basicamente em dois fatores determinantes: (a) a descrição psicanalítica tem uma *imagerie* “genética” – a evolução das fases do psiquismo do bebê ao adulto – enquanto a semiótica privilegia o “gerativo” – reconstrução por pressuposição lógica do advento da significação nos discursos (conferir uma discussão mais ampla em Beividas, 2000b); (b) todos os processos psíquicos (significantes) para a psicanálise se desenrolam sob a pressão da dinâmica pulsional ou libidinal, como “matriz” de qualquer relação intersubjetiva, dinâmica, em que se acotovelam as pressões do recalque, da resistência, da censura, da denegação..., enquanto, para a semiótica, as “pré-condições” do sentido repousam num *locus* (“sensível” ou de “sensibilização”) que, quando muito, permite reservar ao pulsional apenas o estatuto de uma simples isotopia, como outras, isto é, uma das tantas maneiras (a maneira sexual) de resolver uma sensibilização ‘ascendente’, que vai emergir à sua manifestação nos discursos da vida do sujeito.

organização da libido, durante a qual o sujeito se incorporava ao objeto ansiado e estimado, comendo-o, e, ao fazê-lo assim, o destruiu” (1921, p.2585).

Esse limiar, que pode ser visto como protótipo da identificação, ou identificação canibal, serve bem aos propósitos de autores que buscam um enraizamento biopsicológico para as estruturas (de significação), pois defendem que essa incorporação nada mais seja do que um remanescente psíquico da predação: “a interpretação em termos de *lacet* de predação do esquema estrutural da identificação abre uma via real para compreender a identificação como um processo psíquico herdando os grandes problemas da regulação biológica” (PETITOT, 1981, p. 231). Este autor vê aí o canteiro de um “problema imenso” para se estudar, e outros tentam igualmente explorar a noção “francamente morfológica” da identificação, com o recurso thomiano da teoria das catástrofes: “talvez seja do lado das identificações que se encontrarão as relações mais extensas entre a obra de Freud e aquelas de Thom, mas também as maiores dificuldades” (PORTE, 1995, p.123-4).

É de se notar, porém, que, nessa região conceptual da identificação como predação, uma observação do próprio Thom parece não autorizar o otimismo dos autores acima. Na sua tentativa de introduzir um dinamismo na estrutura do quadrado semiótico, Thom (1983, p.56, *italico* nosso) observa que as estruturas cíclicas [o quadrado semiótico] “diferem consideravelmente das interações biológicas irreversíveis como a predação: naquelas, o objeto de valor pode ser ingerido por um outro actante *ou* identificar-se com ele”.

Presumimos que a “diferença considerável” que a formulação de Thom põe entre predação e identificação semiótica (ou estruturas cíclicas) pareça pôr um certo freio na tentativa de resolver, como continuidade, a equação identificação predatória e identificação propriamente dita, ou “simbólica”. O que mais nos interessa nesse gênero de proposições é que, se encaramos o ato da predação, ou do canibalismo, como uma forma primitiva de assimilação da *pregnância* – valores semânticos da coragem, força, valentia, destemor e, mais amplamente, do ‘espírito’ do outro (devorado) –, não apenas poderemos fazer todo o universo dos discursos da antropofagia mergulhar imediatamente no campo do sentido, e provocar com isso o ganho de sentido ou a forte densidade ‘simbólica’, isto é, semiótica, desses tipos de discurso, relegados a um certo *desdém*. Mais ainda, é possível com isso termos uma *definição mínima* da identificação enquanto forma “a mais primitiva de enlace afetivo” (Freud, 1921, p.2586): a identificação poderia definir-se fundamentalmente como uma *somação (sublimada) da pregnância do outro*.

A caracterização de sublimação para a *somação* – ainda carente de melhor desenvolvimento por parte da nossa pesquisa – funda-se na hipótese, primeiramente genérica, sobre aquilo que alguns psicanalistas admitem como

uma “íntima conexão” entre os processos de identificação e de sublimação (FLORENCE, 1994, p. 124). Em seguida, mais especificamente, a hipótese é a de entender a somação sublimada como um ato “ascético”, isto é, de ascender o real à dignidade do simbólico, espécie de limiar de conversão dos *estados de coisa* aos *estados de alma*. Noutros termos, no lugar da devoração (real) do outro, o sujeito sublima essa devoração numa identificação à pregnância do outro – dando, pois, uma nova saída ao irreversível da predação animal, a saída da dinâmica “cíclica” passível de caracterizar os percursos semânticos do sujeito no interior do quadrado semiótico, isto é, a dinâmica polêmico-contratual que vai moldar toda forma de interação humana.

Desse modo, quer se trate, de início, do gesto ainda somático da criança (não propriamente sugar o leite da mãe, mas, por assim dizer, sugar a mãe pelo leite), quer se trate, em seguida, da somação ‘imaginária’ (/OUERER-SER/ como o pai) a identificação galga daí em diante a encruzilhada dos caminhos simbólicos da imitação, da idealização, dos modelos de vida, identidades grupais, comunidades religiosas, sentimentos de respeito, admiração a um líder, enfim, todo o complexo de interações que se traduzem nas inúmeras formas de expressão dos vínculos sociais.

Identificação parcial, como “traço único”

Segundo uma das tantas definições freudianas, a identificação consiste em “conformar o próprio eu analogamente ao outro tomado como modelo”. Porém, embora isso lhe pareça estranho, não se trata de uma cópia ou assimilação do todo do outro. A identificação se caracteriza por ser “parcial e altamente limitada, contentando-se em tomar um *único traço* da pessoa-objeto” (1921, p. 2585-6). Um dos exemplos de Freud é o do caso Dora, que reproduz apenas a tosse do pai.⁷

Os estudos que estamos fazendo ainda não nos permitem uma avaliação satisfatória disso, mas os exemplos freudianos deixam dúvidas: a “tosse” de Dora pode mesmo ser entendida como traço único do pai? Ou deixa-se ver, antes, como a manifestação ‘sincrética’, de um só golpe, de toda uma constelação sêmica concenente (valores modais do pai), constelação intrincada que caberia à análise esfoliar?

Talvez a via mediana seja a mais razoável: nas relações de identificação não assumimos (no sentido de somação) a pregnância total do outro. Mas ela também não se limita drasticamente a apenas um único traço pregnante, um único valor modal. Identificamo-nos a um conjunto desses traços: todos detestamos

⁷ Essa formulação encontrou receptividade bastante forte em Lacan e foi desenvolvida por ele num denso seminário sobre a Identificação como “traço unário”, que não comentaremos aqui por falta de estudo mais aprofundado, ou antes, de uma compreensão que nos satisfaça minimamente e não se limite a repetir em estribilho algumas frases pontuais de Lacan, tal como ocorre genericamente em muitas reflexões da literatura pós-lacaniana concenente a esse tema.

a 'hitlerocidade' – para homenagear a saborosa construção de Guimarães Rosa – isto é, a atrocidade de Hitler, mas há um quê de carismático e de líder que muita gente lhe admira e imita. Na verdade, a dificuldade maior na análise semiótica (e na clínica psicanalítica) é mesmo a de conseguir extrair satisfatoriamente a constelação sêmica de valores modais que aprisionam a identificação do sujeito ao outro, sob a forma do traço, único ou não.

Identificações neuróticas

Mais do que um tipo de identificação, alguns psicanalistas preferem dizer que estamos aqui diante de um “conglomerado identificatório”, ou um conglomerado de “identificações cruzadas” (KRISTEVA, 1994, p.50). Outros preferem tomar toda a reflexão freudiana sobre a identificação e tipificá-la como identificação totêmica, melancólica, narcísica, histérica, entre outras, conforme sejam detectados possíveis matizes diferenciados entre o “eu”, o “ideal do eu”, relações de objeto, enfim, matizes erigidos dentro da conceptualidade psicanalítica (FLORENCE, 1994, p.130-2).

Para nosso ponto de vista, de interface entre semiótica e psicanálise, presumimos, interessa mais explorar o terreno fortemente modalizado que se daria no largo espectro das identificações *neuróticas* em sentido genérico – entenda-se por isso desde o homem de patologia comum àquele de patologia exacerbada. A jovem Joana d'Arc do exemplo de Greimas e Courtés se enquadraria eminentemente na presente região semântica da identificação.

Um dos exemplos de Freud para caracterizar essa região é o de uma jovem aluna de pensionato que recebe de seu secreto amor uma carta, que a deixa excitada de ciúmes, diante do que reage com ataques histéricos. Algumas amigas suas, que conhecem os fatos, poderão ser vítimas de um *contágio psíquico* e sofrerão de igual ataque. Freud deduz disso, enquanto mecanismo de identificação, a “aptidão ou a vontade de colocar-se na mesma situação” (1921, p.2586) – noutras palavras, de /poder/ ou /querer/ pôr-se na mesma situação. Segundo Freud, esse tipo de somação equivale a um “processo dedutivo inconsciente”:

estes fatos despertam sua compaixão, e então se desenvolve nelas, embora sem chegar à sua consciência, o seguinte processo dedutivo: “se tais causas provocam ataques como este, também eu posso tê-los pois tenho idênticos motivos...”. Assim pois, a identificação não é uma simples imitação, senão uma apropriação baseada na mesma causa etiológica, expressa uma equivalência e se refere a algo em comum que permanece no inconsciente. (1900, p.438-9)

A semiótica, até o presente momento, ainda não teve meios de adentrar suficientemente a arena fortemente coercitiva que os mecanismos do recalçamento, da censura, da resistência, da repetição, entre outros, representam para o fazer

interpretativo do sujeito. Se pensarmos nas injunções imperativas – “como teu pai deves ser, como teu pai não podes ser” (cf. epígrafe) –, nas injunções volitivas (querer-ser como o pai; querer-ter o seu objeto de desejo), ou na *compaixão* genérica que comanda, ao que parece, os bastidores da identificação – QUERER/DEVER/PODER/SABER colocar-se na *mesma* situação, no mesmo PATHOS;⁸ se, por outro lado, investigarmos as sobremodalizações epistêmicas e veridictórias, por meio das quais o sujeito não apenas supõe (CRER) a pregnância do outro, mas também a supõe como ‘verdadeira’ (SER vs PARECER), então teremos de retomar, em semiótica, o vasto campo das articulações modais – um pouco desdenhado ultimamente – para explorar os infinitos arranjos pelos quais, pelas tensões implicativas entre identidade e identificação, se constituem as interações da vida social, as posições da subjetividade.

BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. Identity and identification: Semiotics and Psychoanalysis. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.1, p.129-144, 2006.

- **ABSTRACT:** *The text investigates the concepts of identity and identification in the interface between Greimasian semiotics and Freudian psychoanalysis. It defends the interface with the argument that semiotics cannot make tabula rasa of occasionally fecund concepts that are or were used in other fields of knowledge. It is enough to take them as problematic issues to be semiotized, i.e., adjusted to the pertinence of the semiotic method and approach. The text compares suggestions about the concepts, introduced in the Semiotics Dictionary, with subsequent proposals and reflections (LANDOWSKI, ZILBERBERG). It also explores Freudian formulations about identity and identification, in order to propose a joint projection from both into a unique “semiotics square” which integrate them. The text aims to propose that identity be defined as passion-limit, since, in a strong sense, it’s an impossible to be obtained, in passionnal relations, and that the identification be defined as compassion, in order to try to share(with) the pathos (that is, modal and thymic values) from the other. Finally, it notes that, in semiotics and psychoanalysis, both the former’s first mentor (GREIMAS) and the latter’s creator (FREUD) recognized the inadequacy left by both theories in respect to the concepts in question. This text intended to put forward a few suggestions to try and revert this situation.*
- **KEYWORDS:** *Semiotics; psychoanalysis; identity; identification.*

⁸ Note-se aqui que a expressão “compaixão” não é tomada limitadamente no sentido de “compadecer-se”, tal como proporciona uma primeira leitura da citação freudiana logo acima. O ganho de sentido que pretendemos com o termo é de propor a identificação como um “almejar a situação em que o outro está”, isto é, seu *pathos*, querer o valor (a alta estima) que o outro representa no imaginário do sujeito, noutros termos, (com-)partilhar a pregnância (valores modais, cognitivos, pragmáticos e/ou tímicos) do outro. O exemplo greimasiano da jovem frente a Joana d’Arc ilustra-o bem, assim como o de qualquer fã frente a seu ídolo.

Referências bibliográficas

BEIVIDAS, W. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas, 2000a.

BEIVIDAS, W. Semiótica e psicanálise: o gerativo e o genético. In: PINO, D. *Semiótica: olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000b. p.33-43.

FLORENCE, J. As identificações. In: ROITMAN, A.(Org). *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial; Humanitas, 2001.

FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.343-720.

_____. La novela familiar del neurotico (1908). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.1361-3.

_____. Lecciones introductorias al psicoanálisis (1915). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.2123-2412.

_____. Psicología de las masas y análisis del yo (1921). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.2563-610.

_____. El «yo» y el «ello» (1923). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.2701-28.

_____. El malestar en la cultura (1929). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.3017-67.

_____. Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis (1933). In _____. *Obras completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.3101-206.

GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil, 1991.

KRISTEVA, J. O real da identificação. In: ROITMAN, A.(Org). *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1967.

- LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Educ; Pontes, 1992.
- MARCIANI, F. Les parcours passionnels de l'indifférence. *Actes Sémiotiques: Documents*, Paris, n. 53, p.5-30, 1984.
- PETTITOT, J. Psychanalyse et logique: plaidoyer pour l'impossible. In: MAJOR, R. (Org.) *Le lien social*. Paris: Confrontation, 1981.
- PORTE, M. *La dynamique qualitative en psychanalyse*. Paris: PUF, 1995.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1975.
- SOUZA, O. *Fantasia de Brasil: as identificações em busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.
- THOM, R. Structures cycliques en sémiotique. *Actes sémiotiques: Documents*, n.47/48, Paris, 1983.
- VAN RILLAER, J. *Les illusions de la psychanalyse*. Bruxelles: P. Mardaga, 1984.
- WEBSTER, R. *Por que Freud errou: pecado, ciência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ZILBERBERG, C. *Essais sur les modalités tensives*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.
- ZWANG, G. *La statue de Freud*. Paris: Robert Laffont, 1985.